



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: ANALISANDO DA ESTRUTURA AOS CONTEÚDOS APLICADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Natanael Araújo Faustino (1); Mailson Félix da Silva (1); Guilherme Willisgnton Tavares Pereira (2); José Carlos Aragão Silva (4)

1 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó natan.faustino@hotmail.com

1 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó mailsonfelix122@gmail.com

2 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó guilhermewillisgnton@gmail.com

3 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó jcaragaos@gmail.com

Resumo: O livro didático tem sido o principal instrumento na prática de ensino dentro da sala de aula. Não obstante, o mesmo não retira a liberdade do professor na escolha de material complementar. Considerando, portanto, a importância dessa ferramenta, esse trabalho discute e interpreta o livro didático de História do 8º ano do ensino fundamental que é utilizado nas escolas municipais de Codó. São observados os aspectos físicos do livro didático escolhido, assim como os critérios eliminatórios e classificatórios para que o livro chegue até o aluno. A pesquisa aqui apresentada é parte dos resultados apresentados na disciplina Prática e Análise do Livro Didático, cujos trabalhos acerca do livro didático de História ressaltou como aparecem historicamente os negros, as mulheres e as lutas classes sociais. Complementa a análise uma entrevista com um docente do ensino fundamental a respeito do livro didático e os temas acima citados.

Palavras-Chave: Livro Didático, História, Ensino Fundamental.

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: ANALISANDO DA ESTRUTURA AOS CONTEÚDOS APLICADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Natanael Araújo Faustino (1); Mailson Félix da Silva (1); Guilherme Willisgnton Tavares Pereira (2); José Carlos Aragão Silva (4)

1 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó natan.faustino@hotmail.com

1 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó mailsonfelix122@gmail.com

2 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó guilhermewillisgnton@gmail.com

3 Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó jcaragaos@gmail.com

Introdução

De acordo com Bezerra (1999) o trabalho em sala de aula depende fundamentalmente da competência do professor. Entretanto, se ele dispõe de instrumentos que potencializem seu trabalho, não há dúvidas de que poderá ampliar seu alcance na formação dos seus alunos. Nessa perspectiva, o docente tem no livro didático um importante instrumento de formação dos alunos e o melhor suporte para a manutenção, renovação e/ou nova aquisição didática para o professor.

Assim, no que tange à disciplina de história o livro didático deve ser capaz de:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- 1) Incorporar efetivamente parte da renovação historiográfica, e não apenas na intenção inicial ou na introdução da obra. (...) Trata-se de manifestar algum grau de conhecimento das grandes linhas historiográficas...
- 2) Ter sempre presente as experiências dos alunos, nas suas dimensões mais amplas. O livro deve partir do princípio de que o aluno não é uma cabeça vazia que precisa ser preenchida com algum conteúdo, assimilado de qualquer forma... (BEZERRA, 1999. p. 05)

Com efeito, é defendido por diversos autores que o livro didático precisa seguir conceitos que farão seus conteúdos mais referenciados e adequados aos alunos. Assumindo esta perspectiva, nossa avaliação levou em consideração o que assevera Bezerra (1999) quando diz que cabe aos agentes que analisarão o livro seguir conceitos básicos como a neutralidade do autor, erros de composição ou ortográficos, e se este material se adequa a realidade do aluno, se o livro tem linguagem apropriada para a série indicada, entre outros.

Analisar o livro didático não é um trabalho dos mais simples, sendo que o analisar de forma mais completa exigiria tempo e muito mais conhecimento sobre o que se quer analisar (BEZERRA, 1999). Por isso usamos um filtro sobre temas escolhidos que estão destacados nas páginas que se seguirão. Selecionamos assuntos que nos últimos anos tem vindo à tona nas discussões acadêmicas, tais como mulheres, negros e classes sociais, tendo em vista abordagem trabalhada na disciplina Prática e Análise do Livro Didático.

Completa a análise dos temas supracitados a interpretação de uma entrevista com uma docente da Educação Básica do município de Codó, que atua no ensino fundamental há mais de duas décadas. Nessa experiência dialógica, busca-se interpretar a relação do professor com o livro didático de História dentro e fora da sala de aula.

A interpretação dessa entrevista revela elementos importantes que trazem para o debate os critérios para a escolha do livro didático de História do município de Codó e as impressões dos docentes sobre a questão. Ademais, nossa entrevistada discorre sobre os temas investigados ressaltando sua interpretação sobre o lugar das mulheres e dos negros na História.

Metodologia.

A análise do livro didático de História surgiu a partir da disciplina de Prática e Análise do Livro Didático que, objetivando realizar um exercício prático, distribuiu entre os discentes da turma do Curso de Licenciatura em Ciências Humana/História, o livro didático de História do Ensino Fundamental utilizado na rede municipal de ensino de Codó¹.

¹ Formada por uma população predominantemente negra, Codó está localizada na região dos Cocais maranhense a 290 km da capital, São Luís. Sua população está estimada em quase 120 mil habitantes, de acordo com dados (83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Intitulado Projeto Radix – Raiz do Conhecimento, o livro escolhido faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2014-2015-2016, destinado aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A proposta metodológica foi analisar aqui somente um exemplar (8º ano) da obra que está dividida em quatro volumes e se encontra na sua segunda edição pela Editora Scipione.

A interpretação do livro didático de História considera importante, aspectos estéticos presentes na parte externa do livro, como a capa, sem deixar de lado o autor, sua formação e o seu trabalho desenvolvido junto à educação básica, cujo objetivo é identificar se ele tem experiência com obras didáticas e/ou paradidáticas para Ensino Fundamental e Médio.

Considerando o livro escolhido para o trabalho, o do 8º ano, que é composto por dezesseis capítulos, onde consta sempre uma sinóptica introdução a cada um dos módulos, a meta foi analisar também como os temas mulheres, negros e classes sociais são inseridos e discutidos. Ademais, são observados os materiais adicionais que tratam do *Trabalho com documentos*, o *Aprendendo a fazer*, o *Caderno de atividades*, o *Navegando pela internet* e o *Para saber mais* que propõe outras fontes de pesquisas, tais como livros, filmes e documentários.

No que concerne aos conteúdos presentes no livro de História do 8º ano, o enfoque nos temas mulheres, negros e classes sociais, destaca que estes ainda são tratados com as mesmas bases que outros autores de livros didáticos se utilizam para descrever, cuja importância ainda parece secundária para o aluno.

Fez parte desse processo de análise, a interpretação da utilização do livro didático pelo professor do ensino fundamental do 8º ano. Através de um questionário semiestruturado, formulamos questões conforme os objetivos propostos. Perguntas norteadoras tais como: qual o período de uso do livro didático? Existe uma adaptação do conteúdo programático do livro didático? Existe a utilização de outro material complementar? Existem outros livros didáticos? Como o entrevistado avalia o livro escolhido no sentido de trabalhar os temas relacionados aos negros, mulheres e classe social?

Resultados e discussões.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Chama atenção, à primeira vista na obra, a capa com cores destacadas em preto, branco e laranja, as quais estão presentes nos quatro volumes pertencentes ao projeto Projeto Radix – Raiz do Conhecimento.

A análise do livro didático de História do 8º ano constatou que ele é composto por dezesseis capítulos, contendo no final de cada um deles uma seção de materiais adicionais que ensinam o discente a lidar com o *Trabalho com documentos*. No *Aprendendo a fazer* o objetivo é orientar o aluno na produção e interpretação de textos. Existe também um *Caderno de atividades* com imagens e questionários e o *Navegando pela internet* que auxilia o discente a realizar pesquisas na rede. No final encontra-se o *Para saber mais* que traz outras fontes de pesquisas, tais como livros, filmes, documentários e entre outros.

Em relação aos conteúdos do 8º ano, o volume segue a divisão de outras coleções para o mesmo período do Ensino Fundamental, traçando uma linha histórica com fatos históricos dentro do próprio Brasil, a exemplo do Primeiro e Segundo Reinado, o Estado Imperial e as Regências. Em relação às questões internacionais, trata dos Estados Unidos quando descreve a Guerra Civil, Expansão das Fronteiras e a Independência. Sobre a Europa traz a Formação dos Estados Nacionais, as Revoluções Francesa e Industrial, entre outros. No que concerne a África fala de sua partilha pelos europeus, usando as mesmas bases que outros autores de livros didáticos se utilizam para descrever o continente, cuja importância ainda parece secundária.

No que diz respeito à análise dos critérios classificatórios do livro didático de História do 8º ano, pertencente ao Projeto Radix, foi possível observar alguns aspectos: a) realidade dos alunos; b) sequência dos fatos; c) linguagem; d) fontes históricas; e) avaliações; f) manual do professor².

Interpretando esses itens, foi possível verificar:

a) *Realidade dos alunos*: A apresentação nesse quesito é razoável, pois não se aprofunda muito em relação ao país e não faz uma comparação do passado com o presente. No Brasil é usado apenas os fatos históricos apenas que considera relevante. Nos textos complementares nada é colocado como regionalidade, exceto algumas questões descritivas que podem ser usadas de forma pessoal e colocadas de acordo com a realidade do aluno;

b) *Sequência dos fatos*: Fatos dos diferentes acontecimentos pelo mundo ficam intercalados entre nacionais e internacionais. Fatos são sempre colocados de forma confusa nos módulos, usa-se os contextos sobre um determinado país, em seguida troca-se de contexto e de país,

² Os termos utilizados para a análise foram os mesmos que Bezerra (1999).
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

retornando ao primeiro país com um contexto já avançado, assim por diante em todo o módulo;

c) *Linguagem*: Básica, o que facilita o trabalho dos alunos para interagirem com os textos. Noutros termos, a linguagem torna-se adequada para a faixa etária dos alunos.

d) *Fontes históricas*: Fontes históricas muito usadas, representação por imagens e trabalho com documentos;

e) *Avaliações*: Estão colocadas no fim de cada modulo e não no final de cada tema, cabendo ao docente a tarefa de separar cada uma delas;

f) *Manual do professor*: Constam as respostas das atividades e explicações sobre as questões. Essa parte complementar do livro (capítulo a parte) expõe as algumas maneiras de abordar os textos e temas. Estão presentes ainda materiais complementares para melhorar a didática do professor.

Cabe destacar que uma significativa compreensão sobre a importância e escolha do Livro Didático deu-se no momento da entrevista com a professora Lourdes Bernadete Pacheco que o utiliza em sala de aula.

Quando perguntada se há uma comissão específica para a escolha do livro didático de História e se esta é feita dentro da própria escola ou pela Secretaria Municipal de Educação, a docente disse:

Sim, existe, nós fazemos o seguinte, a diretora marca uma reunião com o turno matutino e vespertino e a gente vai analisar alguns critérios³, esse grupo é formado pelos professores. No caso já tem uma orientadora faz o papel da secretaria de educação. Existe uma orientadora dentro da escola que vai nos orientar na escolha desse livro⁴.

Os critérios acima citados pela professora são colocados em forma de cartilha aos professores que, ao analisar os livros, devem leva-los em consideração. São critérios avaliativos são formulados pela Secretaria Municipal de Educação de Codó – MA.

³ Quadro de pré-requisitos para a escolha do Livro Didático.

⁴ PACHECO, Lourdes Bernadete. Entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó, ago. 2016. (83) 3322.3222



ESCOLA MODELO REMY ARCHER PRÉ-REQUISITOS PARA A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO					
<i>Critérios para escolha dos livros</i>	<i>Critérios para a escolha dos livros</i>	<i>Valorização da autonomia do aluno</i>	<i>Conteúdos ajustados ao nível do aluno</i>	<i>Encadeamento ao longo de um ciclo</i>	<i>Estratégias didáticas adequadas</i>
Os conteúdos selecionados e a forma como são distribuídos e organizados tem de ser compatível com os objetivos do PPP.	Alinhamento do autor ao projeto pedagógico. Conhecer o currículo do autor, sua experiência profissional e suas opiniões ajuda a avaliar a obra.	Exercícios repetitivos ou de memorização não são indicados. Selecionar edições que permitam a ampliação do conhecimento a novas situações.	O livro deve dialogar com o estudante. A linguagem, o vocabulário e a construção das frases acessíveis e compatíveis com o ano em questão e atividades claras.	A sequência com que os temas são apresentados em toda a coleção tem de seguir a progressão de aprendizagem planejada.	A maneira como os temas são trabalhados também precisa estar de acordo com o PPP. Por exemplo: Exposição Científica e Projetos Culturais. Vele observar se os estudantes estão estimulados a formular suas hipóteses ou se é usado apenas para demonstrar conceitos.

Quadro 1: Critérios estabelecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Codó – MA.

Seguindo a linha de explicação sobre a escolha do livro didático foi questionada a quantidade de pessoas que formam o grupo de avaliação da SEMED – Codó. Segundo nossa entrevistada, há 18 professores que formam o grupo, sendo que no grupo há professores dos turnos matutino e vespertino, dois orientadores e a diretora da escola.

O grupo não é renovado, há sim uma troca de membros quando o professor se afasta da escola e a inserção de um novo membro quando um novo professor é contratado e se une ao corpo docente já existente através de concurso.

Nas palavras de Lourdes Pacheco, a escolha parece até democrática.

Mais se ele (o novo professor) tiver outra ideia de um livro que ele gostou muito, ele pode até tentar conversar com a gente, mostrar ‘pra’ gente e quando houver a troca do livro a gente já senta com ele e ‘vê’ qual seria o melhor⁵.

Contudo, quando questionada sobre os conteúdos do livro didático sobre o tema mulher, negros e classe sociais, a professora foi direta:

⁵ PACHECO, Lourdes Bernadete. Entrevista citada. (83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Não, a gente não ‘vê’ muito. Impressionante né? Não se vê muito falar na mulher. A não ser quando se fala nas guerras, Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra, que a participação é assim bem distante, também vem a Revolução Gloriosa tem uma pouca participação da mulher, também na Revolução Francesa e por aí vai. Tem alguns conteúdos que falam direto e outros fica assim, bem sucinto⁶.

E em relação ao negro a professora disse:

“É, se fala, mas se fala assim dentro do próprio conteúdo. Não tem nada assim específico não. Se fala sobre a questão da Consciência Negra, aí fala sobre as leis que se trata do racismo e também vem a questão de como o negro chegou no Brasil”⁷.

As questões relacionadas às lutas das classes sociais, as hierarquizações, a docente fez o seguinte comentário:

“A questão da hierarquia. Só se chega a tratar disso dentro do conteúdo quando chega a falar antes da Revolução Francesa. Depois das revoluções aí eles começam a falar sobre as hierarquias conhecidas, como era a sociedade antes e como hoje estão”⁷.

No que diz respeito aos temas relacionados aos negros, mulheres e as classes sociais, pode-se encontrar nos conteúdos do livro alguns trechos importantes, onde esses temas são trabalhados. Não obstante, os negros fazem parte da composição geral do livro, não se encaixando em apenas um acontecimento ou local específico. Destaca-se sua participação nos relatos da Revolução do Haiti que teve a ação direta dos negros na frente revolucionária em pleno século XVII. Negros também são retratados como líderes na luta Antirracistas nos Estados Unidos. Destacam-se aí, as imagens de Malcom X e Martin Luther King, símbolos da luta negra na década de 1960. Tais interpretações infere uma interpretação semelhante nos Estados Unidos do século XIX.

No Brasil o negro é posto como mão-de-obra escrava na construção da cidade do Rio de Janeiro no período que antecede a chegada da Família Real. Estão presentes conteúdos sobre o fim do tráfico negreiro no Brasil do século XIX e a abolição da escravatura em 1888.

A participação de mulheres negras é frequente, algumas em textos complementares sobre a família, a mulher e sua importância para a família de seus senhores. O trabalho com a imagem das mulheres é bem sinalizado, principalmente os ícones femininos de luta, como é o caso de

⁶ Idem.

⁷ Idem.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Policarpa Salvaretta que teve participação direta na Independência da América Espanhola. A ela é dedicada um texto inteiro na página 132 na seção *algo* +. Outras representações femininas frequentes trazem a mulher como alegoria, com destaque para os Estados Unidos no século XIX, e a França, durante a Revolução Francesa.

Com relação ao Brasil, o destaque é para Maria Quitéria de Jesus, destacada militar brasileira nas lutas da Independência entre 1822 e 1823. A mulher da classe dominante já é destacada há algum tempo. A Marquesa de Santos, amante de D. Pedro I tem seu nome história já algum tempo. Ao contrário dessa posição destacada, apreço a mulher escrava ligada à família e a casa grande pelo trabalho, cuja escrita do Período Colonial brasileiro, às representam como Amas-de-leite, pretas domésticas, escravas de ganho, entre outras atividades ligadas à casa grande.

O livro busca evidenciar o contexto político de cada época direcionando as discussões para o modo de produção daquele período. Em relação à França antes da Revolução, por exemplo, o autor mostra havia uma divisão entre Clero, Nobreza, Burguesia e Camponeses. Essa noção é colocada no livro em forma de pirâmide para melhor facilidade de interpretação pelos alunos. Inexiste, portanto, discussões acerca das lutas dos camponeses pela igualdade de condições. Os nobres do século XVII e XVIII são demonstrados com suas peculiaridades, luxos e riqueza, o que refletia o poder dessa classe. A Revolução Industrial evidencia a luta que acontece entre Burgueses e Trabalhadores. Emerge a partir daí evidências que buscam conceituar tal situação de capitalismo. O Manifesto Comunista tem nesse contexto assegurado seu espaço nas discussões sobre o capitalismo nas páginas 121 e 122 do livro didático do 8º ano.

Com a implantação das primeiras experiências do trabalho assalariado, o Brasil é retratado após a abolição através das modernas formas de trabalho no país: fazendas, fabricas e manufatureiras. Ressalte-se que o tratamento às rebeliões denominadas de populares, como àquelas ocorridas no Pará, Maranhão, Pernambuco e Bahia tem pouco destaque, com exceção da Farropilha, ocorrida no Rio Grande do Sul.

Considerações Finais.

Considerando os dados analisados, vemos que o livro didático enquanto ferramenta primeira de trabalho do professor em sala de aula e, dada a sua importância, precisa ser criteriosamente selecionado. De fato, deve-se ver o livro como uma fonte de conteúdos que precisa ser analisado/interpretado e lapidado pelo professor, adequando-os às diversas realidades encontradas em sala de aula.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Cabe, portanto, ao professor, a capacidade de análise e de interpretação do livro didático de História, assim como convém a ele encontrar a melhor forma de trabalhar com seus alunos os conteúdos nele contido.

Noutros termos, é preciso que o livro didático seja interrogado num esforço de desconstrução de discursos e de imagens, criando-se possibilidades de discussão que permitam a compreensão de sua historicidade (FONSECA, 1999).

Ressalte-se que o livro e a educação formal não devem está descolados do contexto político e cultural do aluno (FONSECA, 1999). Contudo, o que se observa é que o livro didático destaca ainda os eventos distantes da realidade do aluno, com percebida ênfase no lugar social do autor que produz livro didático.

Referencias.

BEZERRA, Holien Gonçalves. **O processo de avaliação de livros didáticos – história.** Anais do XX Simpósio Nacional de História – ANPUH. Florianópolis, julho 1999.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **O livro didático de história: lugar de memória e formador de identidades.** Anais do XX Simpósio Nacional de História – ANPUH. Florianópolis, julho 1999.

HAMMERSCHMITT, Ida. **As relações que estabelecem aluno e professor com o livro didáticos.** Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.

ROSA, Carine Pedroso da; RIBAS, Lizemara Costa; BARAZZUTTI, Milene. **Análise de Livros Didáticos.** 1º Encontro Nacional do PIBID – Matemática. III EIEMAT. 2012.

VICENTINO, Cláudio. **Projeto Radix: história.** Obra em 4 v. para alunos do 6º ao 9º ano 2. ed. – São Paulo: Scipione, 2012.